

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ**

**SAVINA DA ROCHA PAZ**

**A BUSCA PELA LIBERDADE: UMA ANÁLISE DAS PROTAGONISTAS  
DAS OBRAS *THE YELLOW WALLPAPER* DE CHARLOTTE PERKINS  
GILMAN E *A BOLSA AMARELA* DE LYGIA BOJUNGA**

**TERESINA  
2019**

**SAVINA DA ROCHA PAZ**

**A BUSCA PELA LIBERDADE: UMA ANÁLISE DAS PROTAGONISTAS  
DAS OBRAS *THE YELLOW WALLPAPER* DE CHARLOTTE PERKINS  
GILMAN E *A BOLSA AMARELA* DE LYGIA BOJUNGA**

Trabalho de Conclusão de Curso como requisito parcial para obtenção da Graduação de Licenciatura Plena em Letras Inglês da Universidade Estadual do Piauí - UESPI, sob a orientação da Profa. Ms. Denise Layana.

**TERESINA  
2019**

*Dedico este Trabalho de Conclusão de Curso aos meus avós Zacarias da Silva Luz e Antônia da Rocha Luz (in memoriam), que me ensinaram valores importantes para toda a vida.*

## **AGRADECIMENTOS**

- Minha eterna gratidão a Deus, que me deu o dom da vida e me abençoa todos os dias com seu amor infinito;
- Aos meus avós, Zacarias e Antônia, que mesmo sem nenhuma instrução me ensinaram valores que levarei por toda minha vida;
- À minha mãe Maria do Socorro que, com seu amor incondicional, me criou e sempre fez de tudo para que eu tivesse uma boa educação;
- Aos meus familiares, tios, irmãs e primos, pela torcida;
- Ao meu melhor amigo e namorado João Victor, por ser minha força, apoio e maior incentivador para que eu vencesse essa etapa da minha vida acadêmica;
- À minha orientadora, Profa. Ms. Denise Layana, que me deu suporte e que contribuiu para a realização deste trabalho;
- À minha mestra supervisora, Profa. Dra. Márlia Riedel, que com paciência me guiou por todas as etapas deste trabalho;
- Aos meus amigos que contribuíram, de alguma forma, para minha jornada acadêmica, dentro ou fora de sala de aula;
- Às professoras Sharmilla O'hana e Cláudia Verbena, por gentilmente cederem seu tempo para participar da minha banca avaliadora;
- À Universidade Estadual do Piauí por oferecer profissionais incríveis que ajudaram em meu desenvolvimento como pessoa e profissional.

A todos que fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigado.

## RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo analisar e comparar as protagonistas das obras: *The Yellow Wallpaper* (1982) de Charlotte Perkins Gilman e *A Bolsa Amarela* de Lygia Bojunga (1976) a fim de identificar, em seus discursos, ideais feministas de liberdade. Para a construção do suporte teórico, foram utilizados os seguintes autores: Rousseau(1995), Louis Tyson (2006), Alves; Pitanguy (1991), Wollstonecraft (1972), Carvalhal (2007), Guyard (1994) e Lobo (1998). Essa pesquisa tem caráter bibliográfico, e sua metodologia tem caráter de uma pesquisa analítica-comparativa, uma vez que, através dessa investigação, as obras foram analisadas e contrastadas entre si. Quanto à abordagem, a pesquisa é do tipo qualitativa. Posterior às análises e comparações, foi constatado que, apesar da disparidade entre seus enredos, as protagonistas das obras aqui analisadas possuem sentimentos de opressão e discursos de liberdade feminina semelhantes.

**Palavras-chave:** Ideais; Liberdade; Mulher.

## ABSTRACT

This research has as a goal, analyze and compare the protagonists of the books: *The Yellow Wallpaper* by Charlotte Perkins Gilman and *A Bolsa Amarela* by Lygia Bojunga in order to identify, in their speeches, feminist ideas of freedom. To build the theoretical support, the following authors were used: Rousseau(1995), Louis Tyson (2006), Alves; Pitanguy (1991), Wollstonecraft (1972), Carvalhal (2007), Guyard (1994) and Lobo (1998). The methodology of this research is bibliographic, and can be also classified as analytical-comparative, since, through this investigation, the books will be analyzed and contrasted among themselves. Regarding the approach, the research will be qualitative. After the analysis and comparisons, it was found that, besides the disparity of their plot, the protagonists of the books have the same felling of oppression and female freedom speeches.

**Key-words:** Ideals; Freedom; Woman.

## LISTA DE TABELAS

Quadro 1 - A escrita como refúgio-----	23
Quadro 2 - Repressão à expressão por meio da escrita-----	24
Quadro 3 - Fantasia como fugir da realidade-----	25
Quadro 4 - Objetos de aprisionamento-----	27
Quadro 5 - A cor amarela-----	28
Quadro 6 - O papel da mulher-----	39
Quadro 7 - Isolamento-----	31

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>9</b>
<b>2 Feminismo e literatura comparada.....</b>	<b>12</b>
2.1 Feminismo.....	12
2.2 Literatura comparada.....	16
<b>3 METODOLOGIA.....</b>	<b>19</b>
3.1 Tipo de Pesquisa.....	19
3.2 Amostra.....	19
3.3 Técnica de Coleta de Dados.....	19
<b>4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS.....</b>	<b>20</b>
4.1 The Yellow Wallpaper.....	20
4.2 A Bolsa Amarela.....	21
4.3 A escrita como refúgio.....	23
4.4 Repressão à expressão por meio da escrita.....	24
4.5 Fantasia como fuga da realidade.....	25
4.6 Objetos de aprisionamento .....	27
4.7 A cor amarela.....	28
4.8 O papel da mulher.....	29
4.9 Isolamento.....	31
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>33</b>
<b>6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>35</b>
<b>ANEXOS</b>	



## 1 INTRODUÇÃO

A busca pela liberdade das mulheres é uma luta que persiste até os dias atuais, tendo em vista que as mesmas foram sempre moldadas e julgadas pelos padrões sociais. O único papel das mulheres era cuidar do lar, satisfazer o marido, procriar e cuidar dos filhos, além de terem sido, desde os primórdios, vítimas da desigualdade de gênero. Elas tornaram-se por muito tempo, uma classe sem voz, sem liberdade de expressão e sem direito de escolha. Nesta perspectiva, esse trabalho vem, então, fazer uma análise comparativa entre as protagonistas das obras *The Yellow Wallpaper* (1892) de Charlotte Perkins Gilman e *A Bolsa Amarela* (1976) de Lygia Bojunga, procurando comparar e analisar seus comportamentos diante da realidade por elas vivida e ideais de liberdade feminina.

A escritora americana Charlotte Perkins Gilman (1860-1935) sempre utilizou seus trabalhos para expressar suas ideias sobre a mulher dentro da sociedade, mais precisamente no século XIX, onde as mulheres eram vistas como objeto de posse masculina e sem liberdade alguma de expressão. E foi por abordar ideias como estas que, depois de muito tempo, Gilman tornou-se referência dentro da teoria feminista. Em sua obra mais famosa, *The Yellow Wallpaper* (1892), Gilman aborda criticamente a padronização e a opressão da mulher, de seus sentimentos e desejos.

Já a brasileira Lygia Bojunga (1932), escritora de literatura infanto-juvenil, buscava expressar, por meio da fantasia, suas ideias e reflexões. Sua obra de maior ênfase no cenário literário e objeto de estudo deste trabalho é *A Bolsa Amarela*, publicada em 1976, em que ela trabalha implicitamente a desigualdade de gênero, conflitos sociais, e a opressão da identidade feminina.

Como podemos ver, através de uma obra literária podemos conhecer ou entender diferentes momentos e movimentos de uma sociedade, como o feminismo, que inicialmente era somente um movimento em busca de direitos para as mulheres. Porém, esse movimento se expandiu também para a literatura, sendo então um reflexo das reivindicações sociais, exemplo disso foi a escritora Mary Wollstonecraft, que foi uma das pioneiras a defender seus ideais feministas em sua obra *A Vindication of the Rights of Woman* (1790).

O papel da mulher antigamente era bem delimitado. Por ser considerado o “sexo frágil”, seus afazeres se limitavam a procriar e cuidar do ambiente familiar. No século XVIII, com a Revolução Francesa, foi negado às mulheres o conceito de humanidade, quando foi concedido somente aos homens o direito de cidadania.

Com o passar do tempo, por meio de reivindicações, como o sufrágio que reivindicava o direito feminino ao voto, a mulher foi ganhando espaços e direitos na sociedade. Porém, apesar de todos os direitos adquiridos, ainda é preciso mudar as práticas sociais para que seus direitos sejam validados.

Tendo isso em vista, pode-se justificar a relevância deste trabalho, que buscou analisar as protagonistas das obras *The Yellow Wallpaper* (1892) de Charlotte Perkins Gilman e *A Bolsa Amarela* (1976) de Lygia Bojunga, na perspectiva de comparar seus enredos e tentar identificar, em seus discursos, sentimento de aprisionamento, ideais de liberdade feminina e de igualdade de gênero. A análise e comparação do comportamento das protagonistas das obras resultaram em uma compreensão mais profunda de suas identidades, tornando-se de grande utilidade para, assim, entender o papel social da mulher e seu processo de luta psicológica e social pela liberdade.

As obras já apresentadas e objetos de estudo deste trabalho foram publicadas em épocas e gêneros literários diferentes, por escritoras de países e realidades distintas. Diante disto, o questionamento que fomentou esta pesquisa foi: as obras *The Yellow Wallpaper* (1892) de Charlotte Perkins Gilman e *A Bolsa Amarela* (1976) de Lygia Bojunga possuem em seus enredos a padronização e opressão da mulher e no discurso de suas protagonistas, semelhantes ideais de liberdade feminina?

E, para responder a problemática apresentada no parágrafo anterior, levantamos as seguintes hipóteses: A) As protagonistas das obras *The Yellow Wallpaper* (1892) de Charlotte Perkins Gilman e *A Bolsa Amarela* (1982) de Lygia Bojunga apresentam discursos e enredo semelhantes tendo como base os ideais feministas de liberdade e igualdade de gênero; B) Embora não haja semelhanças na vida das protagonistas, as mesmas apresentam ideais de liberdade semelhantes.

Visando, ainda, responder o questionamento levantado para este trabalho, a pesquisa teve, como objetivo geral, comparar, analisar e identificar, nos discursos das

protagonistas, sentimento de aprisionamento, ideais de liberdade e de igualdade de gênero.

Com o propósito de efetivar os objetivos aqui propostos, foram elencados como objetivos específicos: Contextualizar o percurso libertário percorrido pelas mulheres, realizar uma breve explicação sobre a literatura comparada e verificar a relação entre as protagonistas presentes nas obras a serem analisadas.

O presente trabalho foi organizado em cinco seções, assim distribuídas: a primeira delas consiste na apresentação das autoras e suas respectivas obras, que são objetos de estudo para essa pesquisa. Na segunda seção, o reforço teórico que fora usado para dar suporte a pesquisa é explicitado. Por esse motivo, essa seção foi dividida em tópicos, a fim de discutir sobre as teorias feministas e sobre literatura comparada. Na terceira sessão, a metodologia dessa investigação é informada, tanto no que se refere aos procedimentos de coleta de dado quanto ao método e a abordagem. Na quarta seção, as análises e comparações dos extratos das duas obras são efetivadas. Na quinta e última seção, são feitas as considerações finais acerca da pesquisa, apresentando seus resultados e a relevância do trabalho nos âmbitos sociais e acadêmicos.

## 2 FEMINISMO E LITERATURA COMPARADA

O presente trabalho visou fazer uma análise comparativa, tendo como objeto de estudo as protagonistas das obras *The Yellow Wallpaper* (1892), da escritora Charlotte Perkins Gilman e *A Bolsa Amarela* (1976) de Lygia Bojunga.

Em *The Yellow Wallpaper* (1892), Gilman expressou um pouco de sua experiência pessoal após sofrer uma depressão pós-parto. A autora critica o método utilizado no tempo para tratar a depressão, conhecido como “*Rest cure*”. Esse método consistia em isolamento e repouso absoluto do paciente e o restringia de qualquer atividade. No caso de Gilman, ela foi proibida até mesmo de escrever. Além disso, ela também aborda ideais feministas, ao expor o comportamento machista e a submissão da mulher como forma de aprisionamento.

A escritora brasileira Lygia Bojunga mistura o real e a fantasia para tratar de assuntos sérios. Escrevendo para o público infanto-juvenil, Bojunga consegue, por meio de seus livros, o equilíbrio entre a inocência e os grandes tabus da sociedade, como a morte, medo de crescer, preconceito, entre outros. Em sua obra *A Bolsa Amarela*, um de seus mais famosos livros, Bojunga conta a história de Raquel, uma menina sonhadora que carregava consigo três vontades: a de ser menino, a de ser escritora e a de ser “grande” ( termo utilizado pela protagonista para dizer que queria ser adulta). Além dessas vontades, Raquel carregava consigo uma bolsa amarela, onde ela guardava suas vontades e alguns amigos secretos, entre eles um alfinete que achou no meio da rua, um galo que fugiu do galinheiro e “uma” guarda chuva com a história empancada. No decorrer da história, Bojunga trabalha implicitamente temas como a busca pela independência e o feminismo.

Diante disso, para efetivação das análises e comparações entre as protagonistas das obras *The Yellow Wallpaper* (1892), de Charlotte Perkins Gilman e *A Bolsa Amarela* (1976), de Lygia Bojunga, este trabalho utilizou como fundamentação teórica as teorias Feministas e a Literatura Comparada.

## 2.1 Feminismo

Desde os primórdios, as mulheres foram educadas para serem submissas aos homens e, por conta disso, por muito tempo suas vozes foram silenciadas. Elas foram inibidas do pensamento crítico e, até mesmo, de expressar suas opiniões tornando-se em seres sem representatividade social, uma vez que não tinham direitos, nem papel relevante perante a sociedade a não ser o de “dona do lar”.

Essa submissão era adquirida desde cedo, já que a educação feminina era voltada para as tarefas de casa, trabalhos manuais de costura e, principalmente, para atendimento às necessidades masculinas:

A educação das mulheres deveria ser sempre relativa à dos homens. agradecer-nos, ser-nos úteis, fazer-nos amá-las e estimá-las educar-nos quando jovens e cuidar-nos quando adultos, aconselhar-nos, consolar-nos, tornar nossas vidas fáceis e agradáveis. Estas são as obrigações das mulheres durante todo o tempo, e também o que elas devem aprender na infância (ROUSSEAU, 1968, p.443).

Segundo Louis Tyson (2006) as “mulheres patriarcais” eram programadas para, desde pequenas, entenderem essa realidade com normal e internalizavam essas normas e valores patriarcais, ou seja, cultura que privilegia os homens promovendo os papéis tradicionais de gênero. Esses papéis de gênero pré-definidos socialmente colocavam o homem como racional e as mulheres como emocionais. Esse padrão foi e ainda é usado para justificar a desigualdade existente entre o homem e a mulher, seja no âmbito familiar ou de trabalho:

Traditional gender roles cast men as rational, strong, protective, and decisive; they cast women as emotional (irrational), weak, nurturing, and submissive. These gender roles have been used very successfully to justify inequities, which still occur today, such as excluding women from equal access to leadership and decision-making positions (in the family as well as in politics, academia, and the corporate world), paying men higher wages than women for doing the same job (if women are even able to obtain the job), and convincing women that they are not fit for careers in such areas as mathematics and engineering. (TYSON, 2006, p.85)<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> 1 Papéis tradicionais de gênero elencam os homens como racionais, fortes, protetores e decisivos; eles elencam as mulheres como emocional (irrational), fraca, provedora, e submissa. Esses papéis de gênero têm sido usados com sucesso para justificar a desigualdade, que ocorre até hoje, como a exclusão de mulheres da igualdade de acesso à liderança e posições de grades decisões (na família como também na política, no meio acadêmico e no mundo corporativo), pagando os homens salários maiores

Diante dessa realidade, o movimento feminista nasceu com o objetivo de reivindicar os direitos negligenciados ao sexo feminino, como a liberdade de escolhas e ao voto, buscando, não a superioridade, mas a igualdade entre os gêneros:

O feminismo busca repensar e recriar a identidade de sexo sob uma ótica em que o indivíduo, seja ele homem ou mulher, não tenha que adaptar-se a modelo hierarquizados, e onde as qualidades “femininas” ou “masculinas” sejam atributos do ser humano em sua globalidade. Que a afetividade, a emoção, a ternura possam aflorar sem constrangimentos nos homens e serem vivenciadas, nas mulheres, como atributos não desvalorizados. Que as diferenças entre os sexos não se traduzam em relações de poder que permeiam a vida de homens e mulheres em todas as suas dimensões: no trabalho, na participação política, na esfera familiar etc. (ALVES; PITANGUY, 1991, p.9).

Uma grande precursora do feminismo foi a escritora Mary Wollstonecraft, com sua obra *A Vindication of Rights of a Woman* (1792). Mergulhada no contexto da Revolução Francesa, a autora escreveu como forma de contestação ao paradigma da mulher na sociedade no século XVIII, e a grandes teóricos como Jean-Jacques Rousseau, que defendiam a posição da mulher como inferior na sociedade e de submissa ao homem e ao lar, enquanto Mary defendia que tal dependência e submissão tornavam-nas em seres infantis e resignados:

Rousseau declares that a woman should never, for a moment, feel herself independent, that she should be governed by fear to exercise her natural cunning, and made a coquettish slave in order to render her a more alluring object of desire, a sweeter companion to man[...]He carries the arguments[...]the corner stones of all human virtue, should be cultivated with certain restrictions, because, with respect to the female character, obedience is the grand lesson which ought to be impressed with unrelenting rigour. What nonsense! [...] If women are by nature inferior to men, their virtues must be the same in quality, if not in degree, or virtue is a relative idea; consequently, their conduct should be founded on the same principles, and have the same aim ( WOLLSTONECRAFT, 1792, p.17).<sup>2</sup>

No âmbito literário a mulher foi, por muito tempo excluído da posição de escritora, tendo que, por muitas vezes, usar pseudônimos para tentar se inserir na literatura. Temos como exemplo a romancista e precursora do movimento feminista na França, Amandine Duplin, que em quase todos os livros de sua autoria utilizou o

---

que as mulheres por executarem o mesmo trabalho (se a mulher conseguir obter o emprego), e convencendo as mulheres que elas não se encaixam em carreiras em áreas como matemática ou engenharia. (TYSON, 2006, P.85, tradução nossa)

<sup>2</sup> Rousseau afirma que a mulher não deveria em nenhum momento, se sentir independente, que ela deveria ser governada pelo medo, para exercer sua destreza, e se fazer escravo coquete, para torna-la um sedutor objeto de desejo, uma doce companheira para o homem[...] Ele argumenta [...] A virtude humana deve ser cultivada com uma certa restrição, porque, com todo respeito ao sexo feminino, obediência é uma grande lição que deveria ser seguido com rigor. Que absurdo! [...] se a mulher as mulheres são inferiores aos homens por natureza, suas virtudes devem ser a mesma em qualidade, se não em grau, ou a virtude é apenas uma ideia relativa; consequentemente, suas condutas deveriam ser fundamentadas pelos mesmos princípios e ter os mesmos objetivos. (WOLLSTONECRAFT, 1792- P.17, tradução nossa)

pseudônimo George Sand, na tentativa de que seus trabalhos fossem levados a sério. Aquelas que ainda ousavam publicar com seus nomes reais eram altamente criticadas por não estarem correspondendo ao papel designado a elas:

Ser o outro, o excluído, o estranho é próprio da mulher que quer penetrar no sério mundo acadêmico ou literário. Não se pode ignorar que, por motivos mitológicos, antropológicos, sociológicos e históricos, a mulher foi excluída do mundo da escrita – só podendo introduzir seu nome na história europeia por assim dizer através de arestas e frestas que conseguiu abrir através de seu aprendizado de ler e escrever em conventos (LOBO, 1998, p.5).

Apesar de serem excluídas enquanto escritoras, as mulheres possuíam papéis centrais e de destaque como personagens ou até mesmo protagonistas em obras de autoria masculina. No entanto, ainda que possuíssem grande parcela no enredo, elas não eram fielmente retratadas, uma vez que eram “composições femininas” na perspectiva do homem, tornando-as sem voz e sem representatividade. Tendo isso em vista, podemos entender a razão da mulher ter sua representação negligenciada, pois na maioria das vezes seu papel é representado pela visão estereotipada do homem que as retrata frequentemente como indefesa, sedutora, perigosa, ou “santa” - aquela que segue os padrões patriarcais impostos, sendo vista no sentido positivo.

Mesmo tentando de várias formas se inserir no cânone literário, a mulher não tinha espaço e nem muita credibilidade, pois inicialmente o parâmetro ou representatividade universal literário era imposto pelo gênero. Autores masculinos tinham maior respaldo, somente pelo fato de expressarem seu ponto de vista:

*[...] in literary studies in the late 1960s, the literary works of (white) male authors describing experience from a (white) male point of view was considered the standard of universality—that is, representative of the experience of all readers—and universality was considered a major criterion of greatness. Because the works of (white) female authors (and of all authors of color) do not describe experience from a (white) male point of view, they were not considered universal and hence did not become part of the literary canon. (Tyson, 2006, p.84)<sup>3</sup>*

---

<sup>3</sup> Nos estudos literários por volta do ano de 1960, os trabalhos literários de autores do sexo masculino descreviam a experiência do ponto de vista masculino, eram considerados parâmetros universais, ou seja, representava a experiência de todos os leitores e universalidade era considerado um critério de grandeza. Porque os trabalhos de autoria feminina não descreviam experiências do ponto de vista masculino, eles não eram considerados universais, consequentemente não se tornavam parte do cânone literário. (TYSON, 2006, p. 84 - **Tradução nossa**)

Ao longo do tempo a mulher foi ganhando mais espaço na sociedade e mais na ainda literatura. Escritoras que expressavam de forma explícita ou implícita, em suas narrativas, ideais feministas, começaram a utilizar a escrita como uma forma de libertação das ideias refletidas pela sociedade sobre elas.

Dois exemplos dentro dessa perspectiva são os objetos de estudo deste presente trabalho, as obras *The Yellow Wallpaper* (1982), da escritora Charlotte Perkins Gilman e *A Bolsa Amarela* (1976), da brasileira Lygia Bojunga, pois ambas exploram e criticam a submissão e a opressão do gênero feminino.

## 2.2 Literatura Comparada

Por ser esse trabalho do âmbito comparativo das obras “*The Yellow Wallpaper*” e “*A Bolsa Amarela*”, é importante explanar sobre os estudos literários comparados.

Embora o termo “comparação” já fosse empregado desde a Idade Média, foi somente no século XIX que os estudos comparativos ganharam notoriedade como disciplina. Primeiramente os estudos comparados tiveram sua origem em outras áreas, como Anatomia e História: “A difusão do termo realmente se dará, sob a inspiração das Lições de anatomia comparada, de Cuvier (1800), da História comparada dos sistemas de filosofia, de Degérand (1804), e da Fisiologia comparada (1833), de Blainville” (CARVALHAL, 2007, p.8). Percebe-se, que os estudos comparados primeiramente foram aplicados em meios científicos, transferindo-se posteriormente para os estudos literários.

No âmbito literário a comparação começa a se firmar na França, sendo seus ideais difundidos por diversos autores e estudiosos literários renomados. Em 1806, com a publicação de uma série de analogias literárias, os autores Noël e Laplace utilizam o termo Comparação, porém não utilizaram ainda em seus fundamentos a contrastação, apenas trabalhavam analogias.

O autor francês Jean-Jacques Ampère também foi grande responsável pela propagação do termo comparação como estudo literário, em obras como *Discurso sobre a história da poesia* (1830) e *História da literatura francesa idade media comparada às literaturas estrangeiras*:



É graças a Ampere que a expressão ingressa na órbita da crítica literária, via Sainte-Beuve, que faz o elogio funebre desse autor na *Revue des Deux Mondes*, considerando-o o fundador da "história literária comparada". (CARVALHAL, 2007, p.10)

A literatura comparada na França veio então com uma quebra de preceitos literários já estabelecidos historicamente, deixando de lado a preeminência do padrão clássico para dar espaço a relatividade.

O rápido desenvolvimento do comparativismo literário na França foi favorecido pela ruptura com as concepções estáticas e com os juízos formulados em nome de valores reputados intemporais e intocáveis, preconizada pelo historicismo dominante. A difusão da literatura comparada coincide, portanto, com o abandono do predomínio do chamado "gosto clássico", que cede diante da noção de relatividade, já estimulada, desde o século XVII, pela "*Querelle des anciens et des modernes*". (CARVALHAL, 2007, p.11)

Porém, a comparação não é de uso exclusivo da literatura comparada, pois ele faz parte da natureza humana, sendo usada também em outros âmbitos do saber humano:

Comparar é um procedimento que faz parte da estrutura de pensamento do homem e da organização da cultura. Por isso, valer-se da comparação é hábito generalizado em diferentes áreas do saber humano e mesmo na linguagem corrente, onde o exemplo dos provérbios ilustra a frequência de emprego do recurso (CARVALHAL, 2007, p. 07).

Como podemos ver, a "comparação" já faz parte do social humano estando presente em outras áreas do saber, como por exemplo, na crítica literária, porém a comparação, nesse caso, é utilizada para estabelecer confrontos entre diferentes obras, para verificar divergências ou similaridades e assim concluir sobre a natureza de seus elementos investigados. A comparação, portanto, assume a posição de recurso preferencial no estudo crítico de uma obra, exercendo papel fundamental na investigação:

Pode-se dizer, então, que a literatura comparada compara não pelo procedimento em si, mas porque, como recurso analítico e interpretativo, a comparação possibilita a esse tipo de estudo literário uma exploração adequada de seus campos de trabalho e o alcance dos objetivos a que se propõe (CARVALHAL, 2007, p.08).

A comparação exercida como método literário não tem como objetivo investigar qual a melhor obra ou qual tem como base a outra, pelo contrário, ela nos permite relacionar obras de diferentes ideias, gêneros ou nacionalidades respeitando suas singularidades:

A literatura comparada é a história das relações literárias internacionais. O comparatista se encontra nas fronteiras, linguísticas ou nacionais, e acompanha as mudanças de temas, de ideias, de livros ou de sentimentos entre duas ou mais literaturas. (GUYARD, 1994, p. 97)

A literatura comparada, então, se caracteriza como uma tarefa investigativa na contrastação de duas ou mais obras, investigando suas ideias, diferenças, afinidades ou condicionamentos de época ou de gênero, considerando, ainda, as transformações que a obra e o autor trazem para a literatura e para a sociedade.

## 3 METODOLOGIA

### 3.1 Tipo de Pesquisa

A presente pesquisa consiste na comparação e análise das obras literárias *The Yellow Wallpaper* de Charlote Perkins Gilman e *A Bolsa Amarela* de Lygia Bojunga. Tendo isso em vista, o procedimento de coleta de dados utilizado foi do tipo bibliográfico, já que a investigação e fundamentação ocorreu por meio de livros e artigos científicos que abrangem as temáticas a serem analisadas.

A abordagem é de forma qualitativa, pois foi feita uma análise comparativa dos fragmentos extraídos das obras, focando no caráter subjetivo das mesmas, identificando suas semelhanças e particularidades.

Quanto à metodologia, essa pesquisa utilizou o método comparativo, uma vez que o seu principal objetivo é fazer um contraste entre as duas obras literárias, buscando analisar e comparar seus discursos a fim de identificar semelhanças ideológicas.

### 3.2 Amostra

Utilizamos, como amostra, os livros de Charlote Perkins Gilman e Lygia Bojunga, respectivamente *The Yellow Wallpaper* (1982) e *A Bolsa Amarela* (1976).

### 3.3 Técnicas de Coleta de Dados

Para a coleta dos dados, foram retirados extratos das obras *The Yellow Wallpaper* (1982) de Charlotte Perkins Gilman e *A Bolsa Amarela* (1976) de Lygia Bojunga, a fim de analisar e contrastar os discursos das protagonistas.

## 4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Nesta seção, analisamos e comparamos as particularidades e o comportamento das protagonistas dos livros *The Yellow Wallpaper* (1982) de Charlotte Perkins Gilman e *A Bolsa Amarela* (1976) de Lygia Bojunga.

Os ideais analisados, comparados, contrastados e discutidos nesta etapa serão apresentados através de extratos de trechos relevantes para a pesquisa, que foram previamente selecionados ainda no início de trabalho, entre os meses de outubro a novembro de 2018.

A organização estrutural dessa análise dar-se-á da seguinte forma: introdução do enredo das obras de Gilman e Bojunga, para uma maior compreensão das análises que aqui serão feitas; Logo depois, são apresentados quadros comparativos composto por extratos retirados das obras e, em seguida, a análise comparativa dos recortes.

### 4.1 *The Yellow Wallpaper*

O conto é narrado pela protagonista que permanece, durante toda a história, sem nome. A narradora inicia seu relato falando sobre seu mais novo e temporário lar, onde ela sente que há algo estranho. Seu esposo John alugou uma mansão colonial por uma temporada para que ela se recuperasse de uma depressão. Seu processo de recuperação consistia em se abster de toda e qualquer atividade, até mesmo do que ela adorava fazer, que era escrever. A narradora não concordava com tal decisão. Ela acreditava que alguma atividade e trabalhos ajudariam a melhorar sua condição, porém não havia muito o que contestar quando seu esposo e seu irmão eram médicos, e tal procedimento estava sendo indicado por eles. Diante disso, ela começa a escrever em seu diário secretamente, em uma tentativa de aliviar sua mente.

John escolhe, como aposento de sua esposa, um quarto no segundo andar da casa. Ela, então, começa a descrever o quarto que aparentemente era um berçário. Porém, ela ficou particularmente perturbada pelo papel de parede amarelo, que continha diferentes padrões e tonalidades. Por conta de sua restrição, ela passava grande parte de seu tempo dentro desse quarto. Então, ela começou a focar no papel

de parede, odiando a cor, e, cada vez mais tornava-se mais perplexa pelo padrão do mesmo. Ela tenta convencer John a mudar de quarto, ou a repintar as paredes. Porém, John diz que isso é somente imaginação dela, e que ela não deixasse essas fantasias tomarem de conta dela. A narradora começa a se sentir culpada pela situação que está passando; no entanto, continua em seu isolamento, e começa a acreditar que os padrões presentes no papel de parede se movimentam.

Logo, o papel de parede passa dominar a imaginação da narradora. Ela então passa a estudar possesivamente o padrão, e nota que ele muda de acordo com a luz que entra no quarto. E ela, começa a ver uma mulher rastejando e tentando sair de trás do papel de parede. John acha que ela está melhorando. Mas, nesse ponto, a narradora não dorme mais, por conta de sua obsessão pela mulher presa no papel de parede.

A narradora suspeita que John saiba de sua obsessão. Um dia antes de eles voltarem para casa, a narradora se tranca dentro do quarto e começa a arrancar o papel de parede na tentativa de libertar a mulher presa. Quando John consegue, finalmente, entrar no quarto, a narradora se encontra em uma espécie de colapso nervoso e acredita que ela é a mulher que estava presa, e que ela destruirá todo o papel de parede para que ele não a prendesse novamente. John então desmaia, e ela continua a se arrastar por todo o quarto.

## **4.2 A Bolsa Amarela**

Raquel é a mais nova de três irmãos, sendo a única criança na família, e que carrega consigo três grandes vontades: a de ser adulto, de ser escritora e de ser um garoto. Ao mesmo tempo em que essas vontades causavam prazer para Raquel, eles também a deixavam em conflito consigo mesma, por isso um grande desejo de Raquel era esconder suas vontades. Ela sonhava em encontrar um lugar onde pudesse guardar os seus desejos, na tentativa de escondê-los das pessoas.

Inicialmente, Raquel expressa sua vontade pela escrita, e começa a escrever cartas. Em suas cartas ela fala de seus problemas e cria personagens imaginários para resolver essas questões. O primeiro personagem criado foi o André, mas seu irmão

mais velho, ao ver as cartas, acreditou que André era um namorado de Raquel, e isso gerou uma espécie de problema. Depois do acontecido, Raquel então decide criar a Lorelai, com quem ela estava planejando fugir, mas, a irmã de Raquel também vê as cartas, e passa a acreditar que a amiga é real e que Raquel realmente irá fugir. Raquel logo tenta explicar que Lorelai era “inventada”, mas a família não acredita, e por esse motivo Raquel desiste de escrever cartas, porém não desiste da ideia de ser escritora. Neste momento, então, a menina decide escrever um romance.

O romance era sobre um galo chamado Rei que estava cansando de tomar conta do galinheiro e resolve fugir, e então novamente a família encontra esse romance, e todos acharam a história bem engraçada. Raquel virou a piada na família e ficou bem chateada com a situação. Por conta do acontecido, parou de escrever por um tempo.

Outra vontade de Raquel era de ser menino, porém esse seu desejo de ser do sexo masculino nada tinha a ver com o aspecto sexual ou de atração pelo mesmo sexo, Raquel queria ser menino porque julgava a condição da mulher como inferior, visto que para ela os meninos podiam fazer tudo. Eram eles também que tomavam todas as decisões, enquanto as meninas tinham atividades bem limitadas.

Sua terceira vontade era a de ser adulta. Raquel sofria muito por ser criança, os adultos estavam sempre a repreendendo, ela se sentia sem voz e sem liberdade, uma vez que seus irmãos mais velhos podiam fazer qualquer coisa. Raquel queria crescer porque tinha a ideia de que sendo adulta ela poderia tomar suas próprias decisões, além de acreditar que suas ideias e opiniões teriam mais importância e credibilidade.

Tia Brunilda era uma familiar que tinha mais condições financeiras que a família de Raquel, ela gostava muito de comprar roupas, mas logo enjoava delas, e quando isso acontecia ela mandava todas as roupas para família de Raquel. A menina até gostava das roupas, mas a questão é que nada sobrava para ela, uma vez que seus pais e irmãos pegavam todas para si, usando do argumento de que as roupas eram de adulto, por isso eram muito grandes para ela. Raquel, porém, não aceitava, dizia que era só ajustar para que servisse nela, mas de nada adiantava. Somente depois que as roupas já estavam desgastadas e desbotadas é que elas iam para Raquel, e isso a deixava triste e com raiva.

Mas um dia, no meio dos presentes, havia uma bolsa amarela, e como ninguém havia gostado da bolsa, Raquel ficou mais que feliz em recebê-la, pois agora ela tinha um lugar para esconder suas vontades, e foi nela que ela colocou a sua vontade de crescer, de ser escritora e de ser um menino. As vontades continuavam a crescer e a diminuir dentro da bolsa. Às vezes cresciam tanto que deixavam a bolsa pesada. Além de suas vontades, Raquel levava em sua bolsa um galo, um alfinete e “uma” guarda-chuva, uma mistura de seres e objetos, mas que para Raquel tinham vida, e eles viviam e transmitiam os conflitos vividos por ela.

Por fim, com o passar do tempo, Raquel foi lidando com seus conflitos com ajuda de seus amigos que viviam na bolsa, e suas vontades passaram a “emagrecer”, emagreceram tanto que um dia, num gesto simbólico, Raquel se desfez de suas vontades, deixando-as voar como pipa no céu, e ao fazer isso Raquel se sentiu mais leve e muito mais feliz.

#### 4.3 A escrita como refúgio

Quadro 1

<i>A bolsa Amarela (1976)</i>	<i><sup>4</sup>The Yellow Wallpaper (1982)</i>
“... Mas foi só mês passado que a vontade de escrever deu pra crescer também. A coisa começou assim: Um dia fiquei pensando o que é que eu ia ser mais tarde. Resolvi que ia ser escritora. Então fui fingindo que era. Só pra treinar. Comecei escrevendo umas cartas. (BOJUNGA, 1976, p.10)	“... <i>I did write a while in spite of them; but it does exhaust me a good deal-having to be so sly about it, or else meet with heavy opposition.</i> ” (GILMAN, 1982, p. 648)

Fonte: a autora

Em *A Bolsa Amarela (1976)*, Raquel, apesar da pouca idade, desenvolve uma grande vontade de ser escritora e, para iniciar sua carreira, decide-se por começar escrevendo cartas para personagens inventados por ela. Nessas cartas, Raquel escrevia sobre conflitos e histórias vividas por ela, como, por exemplo, o dilema de ser a mais nova e única criança da família, ou de não ser levada a sério pelos adultos. Já em *The Yellow Wallpaper (1982)*, a narradora já escrevia antes. Mas, por recomendação médica, foi proibida de fazer qualquer tipo de trabalho. Ela, porém, não concordava com tais procedimentos e, por conta disso, continuou a escrever secretamente em uma espécie de diário.

<sup>4</sup> Tradução no ANEXO (p.36)

Nos extratos, a protagonista de *A Bolsa Amarela* está bem alegre e entusiasmada com a ideia de ser uma escritora. Já a narradora e protagonista de *The Yellow Wallpaper* (1982) se encontra angustiada e em conflito por querer escrever, mas se sente mal e exausta em ter que fazê-lo escondido, pois, do contrário, haverá oposição de seu marido.

Apesar dos diferentes propósitos, ambas protagonistas utilizam-se da escrita como meio para expressar seus sentimentos e conflitos, uma vez que não tinham voz com as pessoas ao seu redor.

#### 4.4 Repressão a expressão por meio da escrita

Quadro 2

<b>A Bolsa Amarela (1976)</b>	<b>The Yellow Wallpaper (1982)<sup>5</sup></b>
“...puxa vida, quando é que vocês vão acreditar em mim? Se eu tô dizendo que eu quero ser escritora é porque eu quero mesmo(...)” “-Guarda essas ideias para mais tarde, tá bem? E em vez de gastar tempo com tanta bobagem, aproveita para estudar melhor(...)” (BOJUNGA,1976, p.18)	“...There comes John, and I must put this away, - he hates to have me write a word.” (GILMAN,1982, p.649)

Fonte: a autora

Foram muitas as tentativas de Raquel para continuar sua vontade de ser escritora, porém, a cada tentativa, sua família colocava um empecilho. Em sua primeira tentativa, Raquel inventou um amigo chamado André, porém seu irmão achou que o remetente se tratava de uma relação amorosa e repreendeu a menina, que imediatamente parou de escrever para seu amigo inventado. A vontade de escrever continuava, então Raquel pensou e resolveu escrever para uma menina, escolheu um nome e passou a escrever. Novamente a família a repreendeu pelo conteúdo das cartas, que continham planos de fuga, então Raquel desistiu de escrever cartas. Determinada em continuar seu sonho de ser escritora a menina decide escrever um romance, no qual ela contava a história de um galo chamado Rei, a família também tomou conhecimento de tal história e começaram a caçoar da menina por sua

---

<sup>5</sup> Tradução no ANEXO (p.36)



imaginação fértil ao inventar tais histórias. Nesse momento, Raquel fica extremamente chateada com a situação e desiste de escrever por um tempo.

No trecho podemos perceber a relutância de Raquel para tentar convencer a sua família de que ela quer ser escritora, mas a menina não é levada a sério, e é repreendida e desmotivada por seus familiares, deixando-a mais reprimida. Nesse aspecto podemos enxergar o motivo pelo qual a garota esconde suas vontades de todos.

O mesmo sentimento de repressão no extrato retirado da obra *The Yellow Wallpaper* (1982), a narradora e protagonista esconde o que escreve quando sente a presença do marido, alegando ainda que o mesmo odeia quando ela escreve. Fica então evidente a similaridade entre as protagonistas das obras aqui estudadas, quando ambas sofrem da repressão à expressão de suas ideias e realidades por meio da escrita, tornando-as frustradas e reclusas a expressar seus desejos e vontades, tanto por meio da escrita quanto de forma verbal.

#### 4.5 Fantasia como fuga da realidade

Quadro 3

A Bolsa Amarela (1976)	The Yellow Wallpaper(1982) <sup>6</sup>
<p>“...Acordei de repente com um barulho esquisito. Olhei para a janela e vi o dia nascendo. Outra vez o barulho. Quase morro de susto: era um canto de galo bem perto de mim. Olhei minhas irmãs. Elas continuavam dormindo igualzinho, nem tinham ouvido canto nenhum. Espiei debaixo da cama atrás da cadeira, dentro do armário –nada. Mas ai o galo cantou muito aflito : um canto assim de gente que tá presa e quer sair. “tá dentro da bolsa amarela” Abri a bolsa correndo. O galo saiu de lá dentro. -puxa se você não abre essa bolsa eu morria sufocado(...)”</p> <p>“Eu estava de boca aberta: nunca tinha visto um galo usando máscara. Ele usava. Preta. Tapando a cara todinha. Só dois furos pros olhos[...]” (BOJUNGA, 1976, p. 32 ,33)</p>	<p>“...Through watching so much at night, when it changes so, i have finally found out. The front pattern does move- and no wonder! The woman behind shakes it! Sometimes I think there are a great many women behind, and sometimes only one, and she crawls around fast, and her crawling shakes it all over. Then in the very bright spots she keeps still, and in the very shady spots she just takes hold of the bars and shakes them hard.” (GILMAN,1982, p.654)</p>

Fonte: a autora

---

<sup>6</sup> Tradução no ANEXO (p.36)

A imaginação e a fantasia são itens bem marcantes e presente em ambas as obras. Raquel sempre teve a imaginação fértil, mas depois da decepção de ser escritora, a menina encontrou na fantasia alguém para dividir seus pensamentos. Um belo dia, Raquel ao acordar e ouvir barulhos estranhos, encontrou dentro de sua bolsa um galo, mas não era qualquer galo, ele era o mesmo galo do romance que ela escreveu, estava mascarado, pois havia fugido do galinheiro, e se escondeu na bolsa de Raquel. Em um primeiro momento ela ficou perplexa, sem acreditar que ele estava ali e com medo que alguém o descobrisse, mas com o tempo o galo e a menina viraram grandes amigos, e viveram várias aventuras juntos.

Já na obra de Charlotte Perkins Gilman, a narradora, desde sua chegada à casa, não havia gostado do quarto que fora designado a ela, o que era uma espécie de berçário. Com tanto tempo ocioso ela começou a ficar obcecada pelos padrões presentes no papel de parede, e passava seus dias e noite a observar os padrões. No extrato referente a obra *The Yellow Wallpaper*, podemos observar o momento em que ela afirma que os padrões nas paredes do quarto se mexem e que há a presença do que ela acredita ser várias mulheres, e às vezes somente uma. Esta mulher rasteja pelo papel de parede e às vezes balança fortemente os padrões. A narradora fica perplexa com essa nova descoberta, o que a deixa animada e com uma grande melhora em seu quadro de saúde.

Apesar dos diferentes enredos, ambas protagonistas se sentem de alguma forma, isoladas e reprimidas dentro de suas realidades, e utilizam a fantasia como meio de fuga dessa realidade. De um lado temos uma menina incompreendida por seus familiares e vontades que chegam a sufocar, mas que desenvolve uma amizade com um suposto galo e outros objetos inanimados, com quem divide suas maiores vontades e medos. Do outro, temos uma mulher que fora proibida de qualquer atividade, até mesmo da que lhe dava mais prazer, que é a escrita, e que encontra nos padrões do papel de parede e na suposta mulher presa, uma maneira de se manter entretida.

Diante disso, podemos perceber que, apesar da repressão e da padronização do que uma criança e uma mulher deveriam fazer ou se comportar na sociedade, elas escolheram criar uma realidade alternativa numa tentativa de expressar seus anseios.

## 4.6 Objetos de aprisionamentos

Quadro 4

A Bolsa Amarela (1976)	The Yellow Wallpaper (1982) <sup>7</sup>
<p>“...Cheguei em casa e arrumei tudo que eu queria na bolsa amarela. Peguei os nomes que vinha juntando e botei no bolso sanfona. O bolso comprido eu deixei vazio esperando uma coisa bem magra pra esconder lá dentro. No bolso bebê eu guardei um alfinete de fralda que eu tinha achado na rua, e no bolso botão escondi uns retratos do quintal da minha casa, uns desenhos que eu tinha feito e umas coisas que eu andava pensando. Abri um zíper: escondi no fundo minha vontade de crescer: fechei. Abri outro zíper: escondi mais fundo minha vontade de escrever: fechei. No outro bolso de botão esperei a minha vontade de ter nascido garoto (ela andava muito grande, foi um custo pro botão fechar).</p> <p>Pronto! a arrumação tinha ficado legal. Minhas vontades tavam presas na bolsa amarela, ninguém mais ia ver a cara delas.” (BOJUNGA, 1976, p. 30)</p>	<p>“...I don't like to look out of the Windows even – there are so many of those creeping women, and they creep so fast. I wonder if they all come out of that wallpaper as I did?(...)” “ I've got out at last,” said I, “spite of you and Jane? And I've pulled off most of the paper, so you can put me back!” (GILMAN, 1982, p.656)</p>

Fonte: a autora

As obras de estudo desde trabalho possuem “símbolos” como elemento de destaque na história. Na obra de Lygia Bojunga temos “a bolsa amarela”. Dentre as doações de Tia Brunilda, Raquel avista uma bolsa que ninguém parece estar interessado, além dela. Imediatamente a menina fica deslumbrada pela mesma e toma-a para si. Nesta bolsa ela vê a oportunidade de guardar seus itens de maior importância.

Já na obra de Charlotte Perkins Gilman, o objeto de maior ênfase é “o papel de parede amarelo”, tal elemento está presente na mansão que o marido da narradora alugou para que ela pudesse passar um tempo, e se recuperar de uma possível depressão; dentre todos os quartos da casa, ela acaba sendo designada a ficar em um no andar de cima, que parecia anteriormente ser um berçário. A narradora não gosta do quarto de primeira, porém seu esposo não lhe dá ouvidos. Com o passar dos dias ela começa a estudar os padrões presentes no papel de parede do quarto, e ela acredita

<sup>7</sup> Tradução no ANEXO (p.36)

que por trás desses padrões existe uma mulher aprisionada, o que a deixa mais perplexa e obcecada.

No primeiro extrato do quadro 4 Raquel começa a organizar, na recém-adquirida bolsa, seus itens mais importantes. Dentre alguns utensílios, como alfinetes e fotografias, foi na bolsa amarela que Raquel também resolveu guardar suas grandes vontades na intenção de mantê-las presas para que ninguém as visse. Já no segundo extrato do quadro 4 referente à obra *The Yellow Wallpaper* (1982), a narradora, depois de muitas noites observando os padrões da parede e a mulher por trás dele, decide libertá-la de tal situação, arrancando todo o papel de parede, e após estar liberta, quando confrontada por John, afirma ter se libertado e que não haveria como a prender novamente uma vez que ela arrancou todo o papel.

Por muito tempo, as mulheres tinham um papel bem definido dentro da sociedade, do que ela poderia ou não fazer o que levou muitas mulheres a guardarem seus anseios, desejos e opiniões, por medo da repercussão de seus atos e pensamentos, e essa repressão social é muito bem retratada pelos objetos utilizados nas obras de Bojunga e Gilman. Ambos os elementos, a bolsa e o papel de parede, exercem uma espécie de aprisionamento. No caso de Raquel, reprimindo e guardando seus maiores desejos para que ninguém os visse, e no caso da narradora da segunda obra, o papel de parede a privava de sua liberdade.

#### 4.7 A cor amarela

Quadro 5

A Bolsa Amarela (1976)	The Yellow Wallpaper (1982) <sup>8</sup>
<b>A bolsa por fora:</b> “...Era amarela. Achei isso genial: pra mim, amarelo é a cor mais bonita que existe. Mas não era um amarelo sempre igual: às vezes era forte, mas depois ficava fraco; não sei se porque ele já tinha desbotado um pouco, ou porque já nasceu assim mesmo, resolvendo que ser sempre igual é muito chato.”(BOJUNGA, 1976, p.27)	“...The color is repellant, almost revolting; a smouldering unclean yellow, strangely faded by the slow-turning sunlight. It is a dull yet lurid orange in some places, a sickly sulphur tint in others. No wonder the children hated it! I should hate it myself if I had to live in room long.” “(...)the color is hideous enough, and unreliable enough, and infuriating enough, but the pattern is torturing.”(GILMAN,1982, p.649,653)

Fonte: a autora

<sup>8</sup> Tradução no ANEXO (p.36)

No primeiro extrato do quadro 5, ao receber a bolsa, Raquel, a protagonista da obra *A Bolsa Amarela* (1976) descreve o acessório minunciosamente, começando pela cor, que ela amou de primeira, deixando em evidência também as diferentes tonalidades de amarelo contidas na bolsa, além de aspectos como tamanho e compartimentos. Já no segundo extrato do quadro 5, a narradora utiliza de vários adjetivos para descrever a cor predominante no papel de parede do quarto. Ela a descreve como repugnante, horrível ou revoltante.

A cor amarela está presente e evidenciada no título e no enredo das duas obras, porém possuem significações diferentes para as protagonistas e objetos de estudo deste trabalho. As visões das protagonistas divergem: enquanto para Raquel a cor representa, em suas próprias palavras, algo “genial” e “a cor mais bonita que existe”; para a protagonista e narradora de *The Yellow Wallpaper* (1982) a cor é terrível, sinônimo de más energias e repulsiva.

#### 4.8 O papel da mulher

Quadro 6

A bolsa Amarela (1976)	The Yellow Wallpaper (1982) <sup>9</sup>
<p>“-E por que é que você inventou um amigo em vez de uma amiga?          -porque eu acho muito melhor ser homem do que mulher.          Ele me olhou bem sério. De repente riu:          -no duro?          - É, sim. Vocês podem um monte de coisas que a gente não pode. Olha: lá na escola, quando a gente tem que escolher um chefe pras brincadeiras , ele sempre é um garoto. Que nem chefe de família: é sempre o homem também. Se eu quero jogar uma pelada, que é o tipo do jogo que eu gosto, todo mundo faz pouco de mim e diz que é coisa pra homem; se eu quero soltar pipa, dizem logo a mesma coisa. É só a gente bobear que fica burra: todo mundo tá sempre dizendo que vocês é que tem que meter as caras no estudo, que vocês é que vão ser chefe de família, que vocês é que vão ter responsabilidade, que - poxa vida! – vocês é que vão ter tudo. Ate pra resolver casamento -</p>	<p>“If a physician of high standing, and one’s own husband assures friends and relatives that there is really nothing the matter with one but temporary nervous depression – slight hysterical tendency          -what is one to do?          My brother is also a physician, and also of high standing, and he says the same thing.          So I take phosphates and phosphites – whichever it is, and tonics, and journeys, and air and exercise, and am absolutely forbidden to “work” until I am well again.          Personally, I disagree with their ideas.          Personally, I believe that congenial work, with excitement and change, would do me good.          But what is one to do?” (GILMAN, 1982, p. 648)</p>

<sup>9</sup> Tradução no ANEXO (p.37)

então eu não vejo? A gente tá sempre esperando vocês resolverem as coisas pra gente. Você quer saber uma coisa? Eu acho fogo ter nascido menina.” (BOJUNGA, 1976, p.16,17)	
--	--

Fonte: A autora

Pela predominância de uma sociedade patriarcal onde o home domina e manipula o meio, sobra para o sexo feminino submeter-se e se resignar à supremacia masculina. Em *A Bolsa Amarela* (1976), a protagonista Raquel reforça sua revolta perante esse pensamento de supremacia do homem, ao explicar para seu irmão o motivo pelo qual ela gostaria de ser um garoto.

Ao ser questionada pelo irmão sobre a carta que estava escrevendo para um suposto “André”, Raquel explica que é um amigo inventado, porém o irmão de Raquel, ainda desconfiado, questiona o motivo de ela ter escolhido um amigo e não uma amiga. A menina responde sem hesitar que acha muito melhor ser menino do que menina, explicando ao irmão que, desde pequenos é designado a eles o poder de tomar decisões e de serem líderes, e tal fato deixava Raquel frustrada, chegando a querer abandonar sua identidade feminina, na tentativa de obter os mesmos direitos.

Na obra *The Yellow Wallpaper* (1982), a protagonista vive com o marido, e foi diagnosticada por ele com uma depressão nervosa temporária, diagnóstico esse que também foi dado pelo irmão da protagonista que também era um médico renomado. Seu tratamento consistia em se abster de qualquer atividade ou trabalho, porém a protagonista não concordava com tal tratamento, pelo contrário, ela achava que um pouco trabalho e animação fariam bem a ela.

Mas é ao usar repetidamente a expressão “O que eu posso fazer?” que é possível identificar o sentimento de impotência e de submissão da mesma, uma vez que ela reforça o fato que foi diagnosticada por seu próprio marido e irmão, que não há muito o que se fazer, se não submeter-se.

Diante disso é notável que as protagonistas, em ambas as obras, veem o papel da mulher como inferior e sem voz diante do sexo masculino, já que para Raquel o fato de ser mulher não lhe dá liberdade para tomar decisões ou até mesmo brincar das brincadeiras que ela gosta, que a sociedade dita como “brincadeiras de menino”. Já a protagonista de *The Yellow Wallpaper* sente que sua opinião sobre seu caso não tem

valor diante de seu marido e de seu irmão. Ambas as protagonistas, apesar de não concordarem com essa imposição social da mulher, exercem o papel designado a elas pela sociedade patriarcal.

#### 4.9 Isolamento

Quadro 7

A Bolsa Amarela (1976)	The Yellow Wallpaper (1982) <sup>10</sup>
<p>Quando nasci, minhas duas irmãs e meu irmão já tinham mais de dez anos. Fico achando que é por isso que ninguém aqui em casa tem paciência comigo: todo mundo já é grande há muito tempo, menos eu. Não sei quantas vezes eu ouvi minhas irmãs dizendo: “a Raquel nasceu de araque. A Raquel nasceu fora de hora. A Raquel nasceu quando a mamãe não tinha mais condição de ter filho.”</p> <p>Tô sobrando André. Já nasci sobrando. É ou não é?</p> <p>Um dia perguntei pra elas: por que é que a mamãe não tinha mais condições de ter filho?”</p> <p>Elas falaram que a minha mãe trabalhava demais , já estava cansada, e que também a gente não tinha dinheiro pra educar direito três filhos, quanto mais quatro.</p> <p>Fiquei pensando: mas se ela não queria mais filho por que eu nasci? Pensei nisso demais sabe? E acabei achando que a gente só devia nascer quando a mãe da gente quer ver a gente nascendo. Você não acha, não?</p> <p>(BOJUNGA, 1976 p.11, 12)</p>	<p>Dear john ! he loves me very dearly, and hates to have me sick. I tried to have a real earnest reasonable talk with him the other day, and tell him how I wish he would let me go and make a visit to cousin Henry and Julia.</p> <p>But he said I wasn't able to go,,, nor able to stand it after I got her; and I did not make out a very good case for myself, for I was crying before I had finished.(GILMAN, 1982 p.651)</p>

Fonte: A autora

Em *A Bolsa Amarela*, Raquel expressa sua vontade de ser escritora, e decide iniciar escrevendo cartas. A menina cria destinatários imaginários e passa a escrever sobre sua vida a eles. Em uma de suas cartas Raquel fala sobre seu sentimento de exclusão, explicando ser a única criança da família dentre três irmãos. Tal sentimento é ainda mais reforçado por seus irmãos alegarem a indisposição de sua mãe em ter mais um filho, dando a Raquel a ideia de ter sido indesejada.

Além das condições de ser a única criança da família, Raquel dificilmente era levada a sério. Ao expressar suas opiniões e desejos aos seus familiares, não era

<sup>10</sup> Tradução no Anexo (p.37)

ouvida com tanta credibilidade, e por conta dessa realidade, Raquel se mantém isolada, guardando seus sentimentos, desejos e anseios para si mesma e, ainda, criando como refúgio uma realidade paralela com amigos imaginários e objetos animados, personagens estes que ajudam a menina a enfrentar e expressar seus conflitos internos.

Em *The Yellow Wallpaper* a protagonista, diagnosticada com uma suposta depressão, tem como tratamento um método chamado de “Rest cure”, que consistia em se abster de toda e qualquer atividade. Diante disso a narradora e seu esposo foram morar por alguns meses em uma mansão afastada, em prol de sua recuperação.

A protagonista passava a maior parte de seu dia dentro do quarto, sem nenhum tipo de interação, trancada em seus pensamentos, e mentalmente afetada pelo quarto em que estava instalada. Desde sua mudança para a mansão a narradora deixa bem claro seu ponto de vista com relação ao tratamento, expressando para o leitor que manter-se ativa em algum tipo de trabalho ou de convivência social lhe fariam bem, porém seu esposo, que era um médico, acreditava que o descanso e isolamento a fariam melhorar.

No extrato referente a obra *The Yellow Wallpaper* do quadro 7 a narradora tenta, quase como um pedido de socorro, convencer John a visitar uns familiares. John de imediato descarta a possibilidade, deixando-a em prantos.

É notório que em ambas as obras as protagonistas são isoladas pelo meio em que vivem, forçando-as a se fecharem em seus submundos, criando realidades alternativas para expressarem seus sentimentos oprimidos.



## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente trabalho analisou-se as protagonistas das obras *The Yellow Wallpaper*, de Charlotte Perkins Gilman e *A Bolsa Amarela*, de Lygia Bojunga, pela perspectiva da teoria feminista, com o objetivo de encontrar em seus discursos ideais de liberdade feminina. Para tal, foram retirados extratos das obras e assim feita a análise, comparação e contrastação dos discursos das protagonistas dentro de suas respectivas obras.

Para a investigação foram criadas duas hipóteses, da qual apenas uma se confirmou. A primeira hipótese foi negada. Sendo esta, refere à similaridade de seus discursos e enredos apresentando ideais de liberdade feminina. É possível perceber a semelhança de seus discursos e ideais, ambas protagonistas de *The Yellow Wallpaper* (1982) e *A Bolsa Amarela* (1976) se sentem aprisionadas pelo meio e anseiam pela liberdade. Porém seus enredos se diferem na medida em que a primeira obra tem como narrativa uma mulher madura que está isolada em uma mansão como tratamento de uma suposta depressão, já a segunda obra tem como enredo uma menina que vive rodeada de adultos e que usa de sua imaginação para enfrentar seus dilemas. Contrariando assim a hipótese levantada, uma vez que não foi encontrada similaridades em suas narrativas, mas, sim, em seus ideais.

A segunda hipótese foi confirmada. Ela é referente à divergência de seus enredos e a presença da similaridade de ideais em seus discursos, hipótese essa que foi confirmada. Mediante a análise e comparação dos extratos, pode-se identificar pontos e ideias que convergem, entre si, pois apesar da disparidade de seus enredos as protagonistas compartilhavam do mesmo sentimento de opressão e, por conta disso, ambas criaram realidades alternativas, onde depositavam seus anseios de libertação.

A análise e comparação das obras *The Yellow Wallpaper* e *A Bolsa Amarela* fez-se relevante à medida em que foi possível perceber a universalidade e atemporalidade dos ideais de igualdade e liberdade feminina, já que as obras são de épocas, autoras, nacionalidade e enredos diferentes, e ainda assim foi possível identificar uma ligação ideológica de suas protagonistas. Além deste estudo, foi possível perceber a crítica e a luta libertária vivida pelas autoras das respectivas obras, que expressaram por meio de seus trabalhos seus ideais e protestos perante a realidade vivida pelas mulheres.

A pesquisa se faz relevante também dentro do estudo comparativo, já que a investigação nos permitiu examinar as ideias, diferenças e afinidades entre as obras. Além disso, a teoria nos propiciou observar os processos de assimilação com experiências reais, favorecendo não só a peculiaridade do texto, mas também o seu impacto social e as transformações que as obras e as autoras proporcionaram para a sociedade e a literatura. Além disso, a investigação tornou possível a ampliação do conhecimento e, ao mesmo tempo, pela análise construtiva, favoreceu a visão crítica das obras literárias, possibilitando a discussão e novas interpretações que podem contribuir no rompimento ou construção de novos conceitos.

## 6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, B. M.; PITANGUY, J. **O que é feminismo?** São Paulo: Ed.abril cultural e brasiliense, 1985.

BOJUNGA, LYGIA. **A bolsa amarela.** Rio de janeiro, editora Casa Lygia Bojunga LTDA, 2006.

CARVALHAL, T. F.. **Literatura Comparada.** São Paulo: Ática, 2007

GILMAN, CHARLOTTE PERKINS. **The Yellow Wallpaper.** Boston: Small & Maynard, 1899.

TYSON, LOUIS. **Critical theory today: a user-friendly guide.** New york :Routledge, 2006

LOBO, LUÍSA. **Literatura de autoria feminina na América Latina.** Rev. Mulher e Literatura, Rio de Janeiro, 1998.

ROUSSEAU, J. **Emílio ou da Educação.** São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1968.

WOLLSTONECRAFT, M. **A vindication of the rights of woman.** New York: Cosimo classics, 2008.

## Anexos

### Tradução dos extratos apresentados nas análises

#### Quadro 1

<b>The Yellow Wallpaper</b>
Apesar das opiniões deles, escrevi durante uns tempos, mas na verdade isso acaba sempre por me fadigar- ter que fazê-lo tão veladamente, ou caso, contrário ter que enfrentar uma grande oposição.
<b>Tradução: José Manuel Lopes</b>

#### Quadro 2

<b>The Yellow Wallpaper</b>
Aí vem o John, e eu tenho que esconder isto — ele detesta que eu escreva uma palavra que seja.
<b>Tradução: José Manuel Lopes</b>

#### Quadro 3

<b>The Yellow Wallpaper</b>
Ao observá-lo à noite, quando muda tanto, acabei por descobri-lo. O padrão exterior mexe-se, de facto — e não admira! A mulher, por detrás dele, abana-o! Por vezes, há uma grande quantidade de mulheres, por detrás; outras, apenas uma, e ela rasteja rapidamente e o seu rastejar faz tremer todo o papel. Depois, nos locais mais iluminados, ela fica quieta, e, nos sítios mais sombrios, agarra-se às grades e abana-as com muita força.
<b>Tradução: José Manuel Lopes</b>

#### Quadro 4

<b>The Yellow Wallpaper</b>
Eu nem sequer gosto de olhar pelas janelas — há tantas dessas mulheres a rastejarem por todo o lado, e rastejam tão depressa. (...) Finalmente consegui sair disse eu. Apesar de ti e da Jane! E arranquei grande parte do papel, de modo que não me poderás voltar a pôr aí dentro!
<b>Tradução: José Manuel Lopes</b>

**Quadro 5****The Yellow Wallpaper**

A cor é repelente, quase revoltante. Trata-se de um amarelo sujo e sombrio, estranhamente desbotado pela luz lenta do sol que aí roda. Em alguns lugares, é baço, mas, no entanto, de uma lividez alaranjada; em outros, de um tom cor de enxofre. Não será de admirar que as crianças o odiassem! Eu também acabaria por o detestar se tivesse que viver muito tempo neste quarto. (...) A cor é já suficientemente horrorosa, e suficientemente fugidia, e suficientemente desesperante, mas o padrão é uma tortura.

Tradução: José Manuel Lopes

**Quadro 6****The Yellow Wallpaper**

Se um médico de grande reputação, para mais um marido, convence amigos e familiares que nada de grave se passa realmente conosco senão uma temporária depressão nervosa — uma ligeira tendência histérica — que poderá uma pessoa fazer? O meu irmão também é médico, de grande reputação também, e diz a mesma coisa. De modo que tomo fosfatos e fosfitos — não sei bem quais — e tónicos, dou passeios, apanho ar, faço exercício, e estou absolutamente proibida de trabalhar até me ter restabelecido. Pessoalmente, não estou de acordo com as ideias deles. Pessoalmente, acho que um trabalho de acordo com o meu modo de ser, com excitação e mudança, me faria bem. Mas que pode uma pessoa fazer?

Tradução: José Manuel Lopes

**Quadro 7****The Yellow Wallpaper**

Querido John! Ele adora-me e detesta que eu esteja doente. Tentei ter com ele uma conversa muito séria e sensata, no outro dia, e disse-lhe quanto desejaria ir visitar o primo Henry e a Julia. Mas ele disse-me que eu não seria capaz; que não o iria suportar depois de aí chegar; eu não quis insistir muito, pois já estava a chorar, antes mesmo de ter acabado de lho pedir.

Tradução: José Manuel Lopes